**A música na sala de aula: valorização da memória sócio-histórica através de metodologias ativas de ensino-aprendizagem.**

Pablo Laignier[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

O objetivo deste trabalho é analisar a importância do uso da música como elemento de pesquisa e valorização da memória sócio-histórica em disciplinas do ensino superior cuja ementa esteja relacionada a conteúdos históricos. Em um contexto de crise nos modelos de educação, no qual se discute o uso de novas metodologias de ensino, o conceito de Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem vem sendo apresentado por diversos autores do campo da pedagogia como uma forma de tornar o ensino universitário mais vinculado ao contexto atual. Dentre as possibilidades existentes, atividades de pesquisa em grupo que estejam relacionadas à música podem ativar a memória sócio-histórica dos indivíduos, pois a música é uma atividade que possui (para quem não é músico profissional) um caráter lúdico. Tratar de temas sérios e importantes a partir da música e de suas possibilidades de resgate da memória cultural de um determinado local (cidade, estado, país etc.) cria, em muitas situações distintas, uma empatia maior dos discentes com os objetivos da disciplina, pois torna mais estimulante a tarefa de estudar seus conteúdos obrigatórios. Assim, este artigo é constituído por uma primeira seção que discute a crise no modelo de ensino atual a partir de uma análise do contexto social contemporâneo midiatizado, usando como marco teórico autores como Muniz Sodré, Lucia Santaella e Zygmunt Bauman. A segunda seção é constituída por uma análise do conceito de Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem, com base em artigos acadêmicos atuais brasileiros sobre o tema. A terceira seção apresenta algumas possibilidades de atividades que utilizam a música como elemento para a manutenção da memória sócio-histórica nas disciplinas de cunho histórico, com base em relato de experiência do próprio pesquisador em sala de aula.

**Palavras-Chave**: Música; Mídia; Memória; Metodologias Ativas; História.

**Desafinando os modelos tradicionais de ensino**

O mundo contemporâneo vem gerando processos de ensino-aprendizagem considerados inovadores como uma resposta aos modelos educativos tradicionais. Estes novos modelos estão ampliando o descompasso dos métodos de ensino tradicionais no que se refere à relação entre professores (docentes) e alunos (discentes).

Embora sejam múltiplos os fatores que levem a esse descompasso, o processo de midiatização do cotidiano e das relações sociais envolve uma parte significativa dessa mudança. A midiatização vem sendo estudada no campo da comunicação há algumas décadas e está relacionada ao momento histórico no qual os aparatos tecnológicos vinculados à comunicação passam a participar de diferentes processos sociais (ou seja, coletivos), ocasionando uma mudança cultural gradual. No que se refere à midiatização, Stig Hjarvard aponta que :

A sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais. Nestas circunstâncias, nossa tarefa, em vez disso, é tentar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à onipresença da mídia. Esse entendimento alterado da importância desta última não significa que questões tradicionais em relação a aspectos como os efeitos das mensagens mediadas sobre a opinião pública ou os fins para os quais as pessoas utilizam os meios de comunicação já não sejam relevantes. Mas significa, sim, que uma compreensão da importância da mídia na cultura e na sociedade modernas não pode mais se basear em modelos que consideram esses elementos de maneira separada (HJARVARD, 2012, p. 54).

A este respeito, o autor Muniz Sodré, em sua análise dos processos comunicacionais contemporâneos a partir de uma perspectiva brasileira/latino americana (que observa não somente os benefícios, mas as desigualdades apontadas pelo processo de globalização que incide no modo como ocorre a midiatização no Brasil e em outras partes do mundo contemporâneo), afirma:

(...) a sociedade contemporânea (dita ‘pós-industrial”) rege-se pela *midiatização[[2]](#footnote-2)*, quer dizer, pela tendência à “virtualização” ou telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. A estas se deve a multiplicação das tecnointerações setoriais (SODRÉ, 2002, p. 21).

Sodré chega a apontar o advento de um *ethos* midiatizado, no qual os valores difundidos pelos grupos sociais (que participam ativamente da constituição dos indivíduos destes grupos em seu processo de formação/inserção sociocultural) apresentam aspectos da presença dos aparatos midiáticos na construção de uma realidade em que o real-histórico dialoga diretamente com os registros de real que são editados e apresentados como sendo a realidade. Assim, o autor brasileiro retoma Aristóteles e a teoria dos *bios*, indicando, na contemporaneidade, a presença de um quarto *bios*, o midiático:

Partindo-se da classificação aristotélica, a midiatização ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo *bios[[3]](#footnote-3)*, uma espécie de *quarto âmbito* existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a “tecnocultura”). O que já se fazia presente, por meio da mídia tradicional e do mercado, no *ethos* abrangente do consumo, consolida-se hoje com novas propriedades por meio da técnica digital (SODRÉ, 2002, p. 25).

Portanto, é inegável a presença dos aparatos midiáticos na vida social contemporânea. Se o sociólogo John Thompson apresenta a mídia como um elemento central da constituição da sociedade moderna, ou seja, como um elemento central para a compreensão sócio-histórica dos últimos séculos, uma análise específica a respeito da segunda metade do século XX evidencia um crescimento acentuado do caráter midiático da sociedade global, por conta do desenvolvimento da televisão enquanto elemento de entretenimento e de difusão da informação, além da difusão do capitalismo através das imagens publicitárias. Neste sentido, desde 1967, a Teoria Crítica da Sociedade do Espetáculo, definida pelo ativista francês Guy Debord, já apontava para o importância da consolidação da televisão enquanto meio de comunicação e do excesso de imagens cotidianas como forma de inserir o indivíduo em um sistema social específico: “O espetáculo é o *capital[[4]](#footnote-4)* em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p. 25).

 Porém, se a televisão aproxima a imagem produzida por aparatos tecnológicos de comunicação social do cotidiano dos indivíduos de um contexto social contemporâneo, pode-se afirmar que o ciberespaço modifica outros aspectos que incidem na sociabilidade deste início de século XXI, acentuando o caráter midiatizado da cultura contemporânea, e acrescentando algumas características importantes à presença do conteúdo audiovisual produzido pelos aparatos tecnológicos de comunicação social.

 Em primeiro lugar, a computação e o ciberespaço foram sendo incorporados, neste início de século, cada vez mais a outros aparelhos como a própria televisão (*smart TV*), o que significa que a programação “por demanda” está agora competindo diretamente com a programação midiática “por oferta”. A programação por demanda (“*on demand*”) coloca ênfase no processo de escolha dos indivíduos, possibilitando que conteúdos sejam vistos em datas e horários que se adequem melhor à agenda individual de cada usuário. Isto significa que se trata de uma modalidade muito atraente em uma sociedade cujo cotidiano e, consequentemente, a vida social dos indivíduos, estão cada vez mais fragmentados, velozes, efêmeros e individualizados. Em uma sociedade de consumidores, poder escolher de modo mais individual e customizado é algo muito atraente para os indivíduos que podem participar desse processo. Como pude observar em artigo anterior:

O fragmento é parte da cultura contemporânea. O caráter fragmentário do momento atual pode ser encontrado em diferentes práticas sociais e também em diversos livros que refletem sobre a nossa realidade. Não apenas os autores que discutiram profundamente o conceito de pós-modernidade, mas também aqueles que optaram, no final dos anos 1990, por assumir a modernidade em um novo estágio, sem uma ruptura total ou acentuada com o momento histórico anterior, acreditam no fragmento como um elemento central da cultura contemporânea (LAIGNIER, 2018, p. 5).

 Neste contexto, os *smartphones* possibilitaram o vínculo ideal com a cultura midiatizada e fragmentada do mundo globalizado. Trata-se de dispositivos que permitem uma mobilidade e uma portabilidade muito acentuada. Desta forma, pode-se acessar diversos conteúdos em locais e momentos nos quais, anteriormente, este acesso não era viabilizado. A este respeito, o caso da sala de aula é bastante significativo e exemplar: em sociedades modernas de caráter disciplinar, como aponta Foucault (1979; 1996), as aulas do ensino superior se constituíam enquanto espaços de confinamento, ordenados para que a atividade ocorresse de forma plena durante seu período de vigência, sem grandes interferências do mundo externo. Gilles Deleuze (1992), dialogando com o trabalho de Foucault, apresenta a ideia de que viveríamos, hoje, em sociedades de controle, ou seja, de que a pós-modernidade (ou contemporaneidade) retiraria a ênfase dos espaços disciplinares e do confinamento, deixando mais evidente o crescente caráter de endividamento (ou de relação mais efetiva com o tempo do que com o espaço) através dos dispositivos digitais.

 O fato é que as salas de aula foram profundamente afetadas pela disseminação dos telefones celulares (principalmente os já mencionados *smartphones*) e de outros aparatos portáteis, que, se não forem proibidos pelos professores e instituições, passam a interferir sistematicamente nas aulas. Ou ainda, não exatamente na aula em si, mas na atenção que o aluno dispensa à mesma. Deste modo, alunos podem estar na sala ao mesmo tempo em que estão em contato com outras realidades, atividades e contextos. Trata-se de uma sociedade líquida, fluida, conforme atesta o pensamento de Bauman a respeito desta velocidade e fragmentação da atenção:

A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão (BAUMAN, 2013, p. 34).

A autora brasileira Lucia Santaella, cujas pesquisas buscam compreender as possibilidades cognitivas das novas tecnologias comunicacionais, aponta que a comunicação atual esta cada vez mais ubíqua. A presença de celulares e outros aparatos comunicacionais consolida o processo de midiatização, ou seja, de uma vivência midiática que altera a cognição humana, trazendo também algumas possibilidades interessantes para os processos de ensino-aprendizagem. Como afirma Santaella:

Merece ênfase, entre todos os seus atributos, o fato de que os aparelhos móveis não só permitem o acesso aos labirintos da informação, como também são mídias comunicacionais. Portanto, facilitam e instigam a constituição e coesão de grupos informais de interesses e preocupações comuns. Quando compartilhados, os interesses unem as pessoas, no sentido de que ajudam a desenvolver nelas um estado de prontidão para a colaboração e para a ajuda mútua. Assim, quando uma dúvida surge a respeito de alguma informação, o grupo entra em sinergia, criando-se um processo de aprendizagem em grupo (SANTAELLA, 2013, p. 292).

E, nesse contexto, como reformular as atividades para torná-las interessantes e atraentes aos alunos? Que metodologias e dispositivos educacionais poderiam trazer o contexto contemporâneo para as aulas, sem afetar sua qualidade, mas modificando alguns procedimentos e estratégias de ensino? Como ir além do caráter geral da exposição longa e pouco interativa, que já não atende às novas gerações relacionadas amplamente à interatividade dos dispositivos eletrônicos anteriormente mencionados?

**Reafinando em tons alternativos: metodologias ativas e suas possibilidades educacionais**

O conceito de “metodologias ativas de ensino-aprendizagem” é fruto de uma discussão internacional a respeito dos processos de ensino no mundo contemporâneo (e não apenas no ensino superior). Segundo José Moran,

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações (MORAN, 2018, p. 4).

Ou como afirmam Valente, Almeida e Geraldini:

A maior parte da literatura brasileira trata as metodologias ativas como estratégias pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, contrastando com a abordagem pedagógica do ensino tradicional, centrada no professor, que transmite informações aos alunos. O fato de elas serem caracterizadas como ativas está relacionado com a aplicação de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades práticas, nas quais eles são protagonistas da sua aprendizagem (VALENTE; ALMEIDA; GERALDINI, 2017, p. 463).

Analisando sete artigos acadêmicos[[5]](#footnote-5) a respeito deste tema, publicados no Brasil nos últimos anos, pode-se afirmar que as seguintes características das metodologias ativas de ensino-aprendizagem mostram-se evidentes:

1) Interação: As metodologias ativas lidam diretamente com a interação entre os indivíduos componentes de um determinado grupo. A interação entre professores e alunos é fundamental no que se refere ao processo de ensino que leva em conta as metodologias ativas. Porém, o professor precisa também estimular o processo interativo entre os alunos, de modo que estes possam assumir tarefas durante o processo de ensino, sendo mais ativos e não deixando para tornar-se ativos apenas no estudo direcionado para provas e atividades relacionadas às avaliações finais do semestre. Diferentes formas de interação, quando estimuladas, podem levar à cooperação entre os alunos.

2) Protagonismo: Além da interação, a questão do protagonismo é fundamental para se estabelecer uma relação de metodologias ativas na educação. Trazer o estudante para o primeiro plano, fomentando sua participação ativa em diferentes processos ao longo do semestre, torna o grupo mais interessado no processo como um todo. Neste caso, o professor possui a incumbência de avaliar que tipo de protagonismo aqueles indivíduos pertencentes ao grupo em questão podem exercer durante as atividades. Como há uma heterogeneidade entre os participantes dos grupos, a observação do professor ao longo das primeiras semanas de aula de um determinado semestre passa a ser primordial para que ele possa pensar em tarefas que não estejam aquém ou além da maturidade daqueles estudantes. O protagonismo, portanto, deve ser estimulado gradualmente pelo professor. Mas é preciso ressaltar que as metodologias ativas dependem diretamente desta relação que se estabelece entre professores e alunos.

3) Solução de problemas: Uma das características mais importantes das metodologias ativas na educação é a da possibilidade da aula fomentar a solução de problemas que devem ser de ordem prática, gerando competências específicas nos alunos. Desenvolver competências está diretamente relacionado à aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes. Assim, quando o professor utiliza problemas que devem ser solucionados pelos alunos, estes encontram desafios que precisam ser encarados com seriedade e concentração, ocupando o tempo da aula de modo produtivo. Um dos grandes desafios para o professor contemporâneo é equilibrar a exposição teórica com desafios de ordem prática, usualmente em grupos (para que a interação entre os estudantes possa ser exercida). Estes desafios, em alguns casos, podem gerar trabalhos relacionados às avaliações finais. Isto é, o estímulo à solução de problemas pode levar à aplicabilidade dos conceitos e do conhecimento adquirido em sala de aula.

4) Sociabilidade: Baseada em uma forma mais dialógica, que estimula a interação (e como consequência, em alguns momentos, a cooperação) entre os alunos, as metodologias ativas na educação também possuem como resultado um estímulo à sociabilidade dos estudantes. Faz-se necessário ressaltar que, em uma realidade extremamente individualista e fragmentada, o estímulo à sociabilidade pode trazer benefícios que vão além dos conteúdos específicos expostos em sala de aula. A sociabilidade estimulada de modo positivo pode gerar um ambiente de bem estar, sustentável sob o ponto de vista da dimensão social, em que o grupo de indivíduos se percebe e “enxerga” enquanto grupo coeso. Há uma série de pequenos elementos que podem ser introduzidos pelo professor, como o estímulo a que os alunos troquem informações fora do horário da aula sobre materiais que estão relacionados à mesma.

5) O uso de tecnologias atuais: É importante, no caso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem, aproximar a aula da vida cotidiana dos estudantes. Isto pode ocorrer quando são usadas, em aula, tecnologias cotidianamente acessadas pelos alunos em seus momentos de trabalho, estudo ou mesmo lazer. Por exemplo: dividir o momento expositivo das aulas entre a exposição oral do professor e a exibição de vídeos curtos (cuja duração esteja compreendida no intervalo entre 05 e 20 minutos) torna o conteúdo mais próximo dos materiais acessados cotidianamente pelos estudantes. Os discentes possuem, hoje, uma experiência sensorial que precisa ser levada em conta quando se está em sala de aula, para que esta seja uma extensão do cotidiano, na medida em que os dispositivos de comunicação digitais móveis estão cada vez mais acompanhando estes alunos, ao longo do seu dia, em diferentes ambientes. Assim, é preciso relacionar a ambiência da sala de aula com a ambiência midiatizada da experiência cotidiana dos jovens estudantes contemporâneos. Organizar esta ambiência midiatizada em sua interface com o processo educacional é tarefa do professor.

Estas características corroboram a definição de metodologias ativas de ensino-aprendizagem enquanto conjunto de métodos e estratégias de ensino atuais e relacionadas à tentativa de adequar o ensino a um perfil de estudante constituído a partir do cenário apontado na primeira seção deste artigo. E a música pode ser bastante importante como elemento a ser inserido neste conjunto de procedimentos educativos.

**A música na sala de aula: conectando experiências musicais à memória sócio-histórica.**

A música enquanto dispositivo educacional pode trabalhar a relação entre o indivíduo e a memória sócio-histórica de seu país (ou cidade, bairro, geração, etc.). Existe a possibilidade de uso da música em disciplinas como “História da Música” ou outra que tenha uma relação direta com o tema. Mas também é possível usar a música em uma disciplina como “História Contemporânea”, em que o conteúdo se desdobra em inúmeros assuntos repletos de detalhes, o que pode dispersar a atenção dos alunos ou mesmo dificultar a retenção das informações para esta geração que tende a tratar das mesmas de forma efêmera.

No caso de disciplina relacionada diretamente à música, pode-se usar o método conhecido como “sala de aula invertida”, no qual o professor disponibiliza materiais didáticos aos discentes previamente e pede aos mesmos que estudem este material antes da próxima aula. Assim, o professor partirá para o assunto em questão tendo como base comum de apoio para a aula as informações que os alunos estudaram previamente. A música pode, neste sentido, ser um estímulo para unir a “sala de aula invertida” com o “estudo híbrido” (que utiliza a mistura entre atividade efetuada em sala de aula com atividade efetuada pelos discentes fora da sala de aula, através do ciberespaço) e com as “atividades baseadas em equipes” (conhecidas também como TBL ou *team based learning*). Portanto, o professor deve articular como efetuar essa ligação entre múltiplas possibilidades de estratégias e métodos de ensino.

Uma possibilidade interessante será agora apresentada através de um exemplo que pude efetuar em sala de aula ao longo de dois semestres distintos, em três diferentes turmas da disciplina “História da Música”, na UNESA. Na ementa da disciplina está situado o conteúdo “música brasileira”. Porém, diante de diversos conteúdos existentes na ementa, esta aula torna-se um desafio muito grande para o docente: como resumir em uma aula as principais questões referentes à história da nossa música? Embora seja possível destinar mais aulas ao assunto, o modo como o conteúdo está estruturado acaba levando a uma síntese que pode durar uma ou duas aulas, mas dificilmente mais do que isso. Neste sentido, eu escolhi um texto acadêmico especifico sobre música brasileira, que discute aspectos importantes da historiografia oficial sobre a música do Brasil no período entre a Primeira República e a Era Vargas. Passando o texto para os alunos lerem antecipadamente, dentro de uma perspectiva de “sala de aula invertida”, eu começava a aula dividindo cada turma em grupos de quatro ou cinco alunos (o número de alunos por grupo deve também levar em conta o número total de alunos da turma, para que a atividade possa transcorrer dentro do tempo planejado pelo professor). Em seguida, eu pedia para que os alunos debatessem entre si com base no texto e em seus outros conhecimentos sobre música brasileira, incluindo sua própria vivência pessoal (muitos alunos do curso de produção fonográfica são músicos ou já trabalham diretamente com música, como *roadies*, técnicos de instrumentos, técnicos de estúdio etc.). Através deste debate, eles deveriam elencar três características fundamentais da música brasileira, sintetizando-as em palavras-chave. Após o tempo estipulado para o debate (entre 15 e 20 minutos), cada grupo era chamado ao quadro da sala de aula para escrever, com a caneta-*pilot*, as palavras-chave elencadas. Em seguida, deveriam explicar as razões da escolha. Esta atividade gera um debate muito produtivo, em que o professor é levado a provocar, questionar, pontuar e corrigir a fala dos alunos, embora não haja protocolarmente um gabarito único e definido para quais palavras-chave estejam corretas. A capacidade de articulação dos grupos é testada, pois eles precisam defender seu ponto de vista sobre por que aquelas palavras-chave podem servir de referência para uma síntese plausível das características da música brasileira.

No caso de disciplinas não vinculadas diretamente à música, como é o caso de “História Contemporânea”, a música pode levar à ativação da memória sócio-histórica no sentido de que a busca por informações passa também por uma memória afetiva despertada pelas canções populares e outras obras musicais conhecidas pelos alunos. Eu precisava explicar alguns aspectos da Ditadura Militar no Brasil em determinada aula desta disciplina e pedi aos alunos que se dividissem em grupos de quatro ou cinco e efetuassem uma busca, como tarefa fora da sala de aula, por músicas compostas, gravadas, lançadas e difundidas durante o contexto sócio-histórico em questão. Eles deveriam escolher uma música que considerassem a mais significativa para expressar o sentimento que a população sentia diante daquela situação política. Este exercício foi bastante interessante, pois gerou una compreensão afetiva do período, mais profunda do que simplesmente a apresentação de dados sobre a violência do regime ou a falta de liberdade de expressão dos cidadãos brasileiros, por exemplo. Os estudantes ficaram bastante interessados na atividade e isto aumentou ainda mais o interesse dos mesmos nas aulas da disciplina e no assunto específico tratado neste exercício.

**Acordes finais: a importância da música para o ensino contemporâneo**

A música é um elemento social que participa, geralmente de modo significativo, da vivência individual e coletiva dos indivíduos inseridos na sociedade. Tanto professores quanto alunos podem se beneficiar desta relação se a música for trazida para a sala de aula. Existem inúmeras possibilidades. Embora eu seja professor universitário e músico, não foi preciso trazer para a sala de aula nenhum instrumento e nem tocar algumas canções ao vivo. Simplesmente direcionar uma atividade de pesquisa utilizando a música como referência de um período histórico específico pode tornar a atividade muito mais atraente e produtiva para os estudantes, pois eles acabam dialogando com seus parentes e outras pessoas de seu círculo social sobre as músicas de outras épocas. Neste sentido, o trabalho envolve um grupo de alunos e suas múltiplas relações sociais, incluindo as de parentesco, as de amizade e mesmo as de trabalho. As metodologias ativas de ensino-aprendizagem procuram tornar a aula mais próxima do estudante através de um engajamento que se cria ao colocá-lo como responsável por parte de seu ensino, estimulando-o a resolver problemas através de escolhas que serão debatidas e negociadas em grupo. Neste sentido, a música ajuda muito, pois uma canção que representa uma época, é de conhecimento de múltiplos sujeitos, o que significa que torna o debate entre os estudantes possível, produtivo e gerador de engajamento. Para o professor, é uma oportunidade de dialogar e conhecer melhor as escolhas dos discentes, sendo sempre aquele sujeito cujo papel é dar a palavra final de aprovação para a discussão, pontuando, corrigindo, sugerindo e complementando as falas dos alunos. Porém, também para o professor o processo se mostra bastante produtivo, visto que as aulas por demais expositivas tendem a se repetir ao longo dos semestres (principalmente ao tratar dos mesmos conteúdos). Já em atividades vinculadas às metodologias ativas de ensino-aprendizagem, as variações são múltiplas e, de uma turma para outra (ou de um semestre para outro), novas falas trazem apontamentos que geram uma reação atenta e diversa do docente.

**Referências**:

BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. “Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior”. In: **Cairu em Revista**: v. 3, n. 4, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo / Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles, “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: DELEUZE, Gilles.

**Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro:

Ed. Graal, 1979.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Vigiar e punir. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. “Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica”. In: **Revista Thema**, v. 14, n. 1, 2017.

HJARVARD, Stig. “Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In: **Revista Matrizes**, v. 5, n. 2, jan/jul 2012.

LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro**: a ciência de uma obsessão humana. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2010.

MORAN, José. “Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda”. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Ed. Penso, 2018, p. 1- 25.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Ed. Paulus, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

TIMPONI, Raquel *et al*. “Metodologias de aprendizagem e exploração multimodal no ensino formal: levantamento de ferramentas de aprendizagem”. Trabalho apresentado no IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia (Rede ALCAR), realizado entre os dias 29 e 30 de agosto de 2016, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ.

TOLEDO, Jenifer Vieira; MOREIRA, Ucineide Rodrigues Rocha; NUNES, Andrea Karla. “O uso de metodologias ativas com TIC: uma estratégia colaborativa para o processo de ensino e aprendizagem”. Trabalho apresentado no VIII Simpósio Internacional de Educação e Comunicação, realizado entre os dias 18 e 20 de outubro de 2017, na Universidade Tiradentes (UNIT), em Aracaju, SE.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. “Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino”, In: **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 52, abr/jun 2017.

ZABLONSKY, Marcos José; FAUSTINI, Izabeli Santos. “Aplicação de metodologias ativas na disciplina Teorias da Comunicação no curso de Relações Públicas”. Trabalho apresentado no XIII Congresso Nacional de Educação, realizado entre os dias 28 e 31 de agosto de 2017, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), em Curitiba, PR.

ZALUSKI, Felipe Cavalheiro; OLIVEIRA, Tarcísio Dorn de. “Metodologias ativas: uma reflexão teórica sobre o processo de ensino e aprendizagem”. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância, realizado entre os dias 11 e 13 de julho de 2018, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em São Carlos, SP.

1. Doutor em Comunicação pela UFRJ. Pesquisador e Professor dos cursos de Jornalismo e Produção Fonográfica da UNESA. Professor Titular IV do IBMEC. Esta pesquisa foi financiada com recursos do Programa Pesquisa Produtividade da UNESA. E-mail: pablolaignier@gmail.com . [↑](#footnote-ref-1)
2. Grifo como no original. [↑](#footnote-ref-2)
3. Todos os grifos presentes nesta citação direta estão apresentados como no texto original. [↑](#footnote-ref-3)
4. Grifo como no original. [↑](#footnote-ref-4)
5. Os artigos em questão são: 1) “Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica”, das autoras Aline Diesel, Alda Leila Santos Baldez e Silvana Neumann Martins, publicado na Revista Thema, v. 14., n. 1, em 2017; 2) “Metodologias ativas: uma reflexão teórica sobre o processo de ensino e aprendizagem, dos autores Felipe Cavalheiro Zaluski e Tarcisio Dorn de Oliveira, apresentado no Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância, em 2018; 3) “Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior”, dos autores Tiago Silva Borges e Gidélia Alencar, publicado na revista Cairu em Revista, v. 3, n. 4, em 2014; 4) “Aplicação de metodologias ativas na disciplina Teorias da Comunicação no curso de Relações Públicas”, dos autores Marcos José Zablonsky e Izabeli Santos Faustini, apresentado no XIII Congresso Nacional de Educação, em 2017; 5) “O uso de metodologias ativas com TIC: uma estratégia colaborativa para o processo de ensino e aprendizagem”, das autoras Jenifer Vieira Toledo, Ucineide Rodrigues Rocha Moreira e Andrea Karla Nunes, apresentado no VIII Simpósio Internacional de Educação e Comunicação, em 2017; 6) “Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino”, dos autores José Armando Valente, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida e Alexandra Fogli Serpa Geraldini, publicado na Revista Diálogo Educacional, v. 17, n. 52, em 2017; 7) “Metodologia de aprendizagem e exploração multimodal no ensino formal: levantamento de ferramentas de aprendizagem”, das autoras Raquel Timponi, Alessandra Maia, Daniele de Aragão Mendonça e Fernanda Bravim, apresentado no IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia (Rede ALCAR), em 2016. [↑](#footnote-ref-5)